

Link: <http://www.redelajeado.com.br/2013/09/12/smartvida-por-domicio-brasiliense/>

Rede Lajeado

‘SmartVida’, por Domício Brasiliense

De 12/09/2013 as 20:37

Vamos encarar a verdade? Sempre tivemos dificuldade em viver a vida e, por isto, de uma ou outra forma, nos escondemos dos nossos medos por detrás de pessoas, grupos e papéis sociais. O smartphone tem denunciado essa nossa incapacidade.

Estudar, trabalhar, casar e ter filhos pode ser sinal de uma vida de realizações, mas, por outro lado, pode significar a ratificação de uma zona de conforto que se identifica com o esperado pelos valores culturais vigentes. Quem, afinal, questionaria alguém por estar estudando ou constituindo família? No entanto, por que não nos perguntamos se essas e outras atitudes propiciam a felicidade? Porque temos a tendência ao conformismo e comodismo social, numa sequência de repetições comportamentais, assimilando, inconscientemente, valores e costumes.

A **tecnologia** tem nos vendido a rapidez de informações com a promessa de satisfação, fazendo com que nos percebamos incluídos numa vida que flui de forma acelerada. Desta forma, estarmos conectados através de **smartphones** significa estarmos conectados com as coisas da vida, acompanhando e compartilhando quase tudo o que acontece nos grupos aos quais pertencemos, dando a ideia de contato afetivo. Contudo, é justamente da afetividade que estamos abrindo mão por não conseguirmos viver os momentos do dia a dia. Quando utilizamos os **smartphones** para ver e-mails, fotografar, filmar e compartilhar nas redes sociais, muitos processos psicológicos estão acontecendo. Dentre eles, a vontade de eternizar aquela ocasião que parece sugerir felicidade, por isto a necessidade do registro como um antídoto para futuros sofrimentos. Mas, também pode representar a nossa insatisfação em relação ao local ou as pessoas com quem estamos, obtendo um modo de contemporizar esse desconforto. Parece que denunciamos a nossa incapacidade de viver os momentos da vida, como se eles fossem fugazes, por isto a ânsia em registrá-los. De outra forma, o tempo que nos dedicamos aos **smartphones** faz com que renunciemos de estar, de forma integral, com os nossos conhecidos, amigos e familiares. Resta saber, se isto representa dificuldades pessoais que precisam ser revistas ou se estamos indo de roldão, cedendo à pressão do mundo tecnológico e capitalista que o compõe, em detrimento de viver de forma mais satisfatória e realizadora a nossa existência.

Tentamos entender a vida e a nós mesmos para que nos realizemos através da sensação de pertencimento e reconhecimento. À vista disso, possuir muitos amigos no Facebook, postar **fotos** e vídeos sorrindo com outras pessoas e tuítar, pode nos iludir

com falsas sensações de realização. Deste modo, justifica-se o aumento significativo da drogadição e da depressão na juventude, como também outros tipos de transtornos mentais, pois denotam o nosso equívoco do que seja viver a vida para que consigamos alcançar o bem-estar.

No vazio afetivo, temos dado espaço para as ilusões de felicidade, e o recurso touch tem sido a nossa atitude compulsiva pela busca de emoções que preencham esse local. Contudo, nada nunca irá substituir o estar junto através de um olhar, de um abraço ou de um afago, bem como de competências como ser aceito e aceitar, ser reconhecido e reconhecer o outro, mesmo que estejamos solitários.

Parece que precisamos nos preparar para mais um problema social: a nomofobia (nome recente – originado da expressão, em inglês, “no mobile” – que designa o desconforto ou a angústia causados pela impossibilidade momentânea de comunicação através de aparelhos **celulares** ou computadores). Infelizmente, mais uma vez, estaremos nos preocupando com as consequências em detrimento da causa: nossa dificuldade em entender o que seja viver a vida.

Domício Brasiliense -Doutorando em Psicanálise, Educação e Saúde;